



## **CADERNO ESPAÇO FEMININO: DESAFIOS ENFRENTADOS E ESPAÇOS AMPLIADOS**

Eliane Schmaltz Ferreira  
Dulcina Tereza Bonati Borges

O Caderno Espaço Feminino tornou-se atualmente uma publicação que acompanha todas as experiências da produção editorial acadêmica. A periodicidade tem sido mantida, apesar dos tropeços tais como falta de recursos financeiros decorrentes de uma situação “periférica” no âmbito de divisão do trabalho intelectual, atrasos na diagramação da revista pela gráfica, dependência das correções feitas voluntariamente pelos membros do comitê editorial, desafios que vêm sendo enfrentados.

Quanto à melhoria da divulgação da Revista outras ações projetadas em 2004 estão sendo cumpridas tais como: entrada da revista no SEER/IBICT e no Portal de Revistas Feministas.

A proposta em nossos estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudos de Gênero, Violência e Mulheres – NEGUEM-UFU, e a publicação do Caderno Espaço Feminino é defender uma caminhada rumo não só a uma reflexão crítica da realidade empírica com que deparamos na pesquisa mas também em termos de construção/produção de conhecimento, especialmente no campo teórico do gênero como categoria de análise social, sem perder de vista os compromissos coletivos que arrumam o trabalho de reflexão.

Um primeiro balanço da produção do Caderno Espaço Feminino<sup>1</sup> do primeiro volume até 2003, foi feita por ocasião do II Encontro de Publicações Feministas, realizado em Florianópolis no período de 23 a 30 de outubro de 2003, organizado pela Revista Estudos Feministas com o apoio da Fundação Ford.

Neste trabalho objetivamos agora refletir sobre a contribuição do Caderno Espaço Feminino nos anos 2004 a 2008.

O vol.12, nº 15/2004, buscou agregar para atender uma demanda de leitores (as) cada vez mais exigentes, um dossiê organizado por Cristina Scheibe Wolf e Lidia Possas intitulado “*Gênero e Representações: histórias, imagens e literatura*”, , incorporando seis temas apresentados no XXII Simpósio Nacional da ANPUH realizado em João Pessoa, no período de 1º de agosto de 2003, dois artigos em espanhol e uma seção biográfica cujo objetivo foi tirar do anonimato ações de mulheres que interferiam no cenário político, econômico, social e cultural de Uberlândia.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho intitulado “Caderno Espaço Feminino: ampliando espaços e enfrentando desafios”, foi publicado no vol.12 nº especial da Revista Estudos Feministas (set-dez 2004) p.157-163.



O dossiê, seção dedicada a temas específicos para além da reflexão teórica e metodológica e a seção biográfica, mais artigos, resenhas e entrevistas foram constantes até o vol.16 nº 19 de 2006.

O registro e visibilidade das ações das mulheres se deu também na capa da revista. A primeira biografia mostra a trajetória de Olívia Calábria que em sua ânsia pela transformação social por relações mais solidárias e justas inaugura a seção biografia do Caderno Espaço Feminino vol. 12 nº15 2004, revelando inúmeras memórias dos feitos feministas.

No vol. 13, nº 16/2005, o dossiê Gênero e Educação veicula parte dos estudos e debates neste campo, por entender que as escolas são importantes veículos de transmissão de valores e normas de conduta que são absorvidos e reproduzidos pelos atores sociais que as freqüentam. Sendo assim, as diferentes maneiras de conceber a qualidade da educação, estão marcadas, entre outros determinantes, pelas relações de gênero, ou seja, por formas masculinas e femininas de pensar o magistério, a atuação docente, o desempenho discente e as relações estabelecidas no interior do espaço educativo. Estes estudos naquele momento não estavam recebendo atenção necessária, principalmente dos (as) pesquisadores (as) ligados à área de educação. A maioria dos (as) professores (as) desconhece a diferença entre sexo, gênero e sexualidade e mostram-se inseguros e despreparados (as) para lidarem na escola com esses aspectos das relações humanas.

A seção artigos desse número dá destaque a pesquisas de áreas disciplinares distintas, o que reflete a demanda de pesquisa multidisciplinar. A figura feminina destacada é Antonieta Vilela Marquez (1920) (foto da capa), cujos primeiros escritos em jornais da cidade propõem o sufrágio feminino, bem como a ampliação da educação para a mulher como forma de conquistar um mundo predominantemente masculino.

O dossiê do vol. 14, nº 17/2006, Gênero e Literatura compõem-se de 4 artigos que tratam das representações do masculino e do feminino no ideário de seus(suas) respectivos (as) diretores (as). A biografia conta com a contribuição da professora Jane de Fátima Silva Rodrigues, agora para trazer à luz da história de Uberlândia um pouco da vida e experiência de Maria Dirce Ribeiro, primeira vereadora de Uberlândia (1954). A entrevista desse número foi feita com a escritora Marta Azevedo Pannunzio, premiada no Brasil e no exterior pela excelência de suas histórias infanto-juvenis. Neste número são apresentados dois artigos frutos de uma pesquisa intitulada “Repensando as Relações de Gênero nos Processos Crises em Uberlândia 1970-1980” projeto de pesquisa desenvolvido no NEGUEM financiado pela FAPEMIG.

O vol.15, nº18/2006, retoma na seção dossiê a temática Gênero e Educação com três artigos nacionais e um internacional, onde são investigados saberes e práticas docentes entre crianças que



rompem com uma suposta normatividade de gênero na Educação Infantil. Neste número dói apresentada uma resenha escrita por Ricardo Japeassu “Vozes relegadas e histórias femininas do sertão pernambucano”, sobre a vida de diferentes mulheres a partir de relatos orais e histórias que compõem o imaginário daquela população. A seção biografia, com mais uma contribuição de Jane de Fátima Silva Rodrigues, trouxe a experiência de Adorama Agel da Cunha (capa) outra mulher de expressão.

O vol. 16, nº 19/2006, trouxe trabalhos mais aprofundados sobre questões ainda polêmicas da descoberta político-teórica da multiplicidade feminina. A partir desses estudos não da mais para fixar isolando gênero de outras determinações sociais, de outras variáveis independentes de outras pertenças coletivas das mulheres. A nova exigência passa a ser que estas análises não podem ignorar o fato histórico-empírico-existencial de que a experiência de gênero, está intrinsecamente vinculada com os outros aspectos significativos da pertença cultural – a classe e a raça- sob pena de não dar conta da verdadeira relação de opressão que o próprio sexismo representa. O artigo de Fátima Machado Chaves, “O Trabalho Feminino Doméstico em Escolas”, investiga como as desigualdades sócio-econômicas articuladas às raciais e de gênero contribuem para o processo saúde/doença das serventes e merendeiras das escolas do rio de Janeiro. Em feral são mulheres negras e pobres, ex-empregadas domésticas com dupla ou tripla jornada de trabalho. O texto de Marta Helena de Silva, “Mulheres Negras no Mercado de trabalho”, amplia essa discussão remontando a história do preconceito no Brasil e sua relação com o mercado de trabalho.

No ano de 2007, recebemos m comunicado do Hispanic American Periodics Index (HAPI) e da Base de Dados Francis/INIST da intenção de aceitar a inclusão da publicação Caderno Espaço Feminino em seus índices. O HAPI analisa 290 revistas de estudos relativos }á America Latina nos Estados Unidos. A ampliação do intercambio junto a outras universidades cumpre o objetivo de dinamizar a troca de pesquisas e enriquecer nossa produção.

O vol.17, nº1/2007, trouxe dois artigos internacionais e um dossiê intitulado As representações do feminismo organizado pelas professoras Joana Maria Pedro (UFSC), Janine Gomes da Silva (Univale) e Marlene de Fáveri (UDESC) sobre questões ainda polêmicas da multiplicidade feminina, temática recorrente nos dossiês.

O vol. 18, nº2/2007, apresentou outra temática recorrente na seção dossiê: Representação do Feminismo na Literatura e História. Nesse dossiê destacou-se as abordagens que buscam compreender os processos de constrição das representações femininas e das relações de gênero na



produção da narrativa literária. Outros artigos apresentam os resultados de investigação acerca da produção literária brasileira.

O vol.19, nº1/2008, inovou na temática ao propor a composição de um dossiê sobre comida e gênero. Organizado pelas professoras Mônica Chaves Abdala (UFU) e Renata Menasche (UFPEL), enfrentaram o desafio de sistematizar uma reflexão a esse respeito. Os estudos sobre comida e a cozinha associado de imediato às práticas femininas, permanecem invisíveis. Tímidos e pouco numerosos a partir das décadas 1960 a 1980, no Brasil, sofreram um verdadeiro boom a partir dos anos 1990, enfocando aspectos os mais variados, relativos à cultura e identidades regionais, estudos étnicos, histórias de alimentação, e análises de literatura ou de cinema. No conjunto dos artigos uma questão chamou a atenção: a recorrência da análise da invisibilidade. E pensá-la foi o ponto de partida para trazer a visibilidade práticas de mulheres como também de homens, associados à comida e a cozinha. Ao incorporar a perspectiva de gênero, isso trouxe para as reflexões características fundamentais de tal perspectiva. De um lado, a possibilidade de uma análise multidisciplinar, um diálogo efetivo entre as Ciências Sociais, a História e a Nutrição que está presente em muitos textos do dossiê. De outro, a perspectiva de rompimento com as análises do tipo binário, que tradicionalmente associam a esfera doméstica com o domínio masculino.

O vol.21, nº1/2009, retoma a temática Gênero, Educação e Literatura no dossiê, e vários artigos sobre comida e gênero, política e historiografia. Destaca-se o artigo de Vicente Augusto de Figueiredo intitulado “Gênero, patriarcado, educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais”, que discute a relação gênero e educação e como este tema é apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais expondo o porquê da ausência da temática de gênero no currículo dos cursos de formação professores.

O que se observou é que o dossiê passou a ocupar um espaço maior no Caderno Espaço Feminino desconstruindo inclusive um volume completo que foi o de Comida e Gênero. Os artigos tanto da seção dossiê quanto da seção artigos são predominantemente acadêmicos. Talvez uma linha editorial a ser adotada para a ampliação de espaços no interior da revista seja a de ter seções com formatos menos acadêmicos, como o de dar voz às experiências vividas, à militância e ensaios já que no dossiê cabem formatos menos acadêmicos.

Um dos formatos mais usados além do artigo é o depoimento ou testemunho – que valoriza menos a reflexão teórica ou a análise e mais o relato e a reflexão sobre a experiência vivida de mulheres de distintos setores. Outro formato é o de debate ou mesa-redonda, privilegiando a oralidade e a polêmica.



Quanto aos enfoques presentes nos artigos eles são múltiplos e não excludentes.